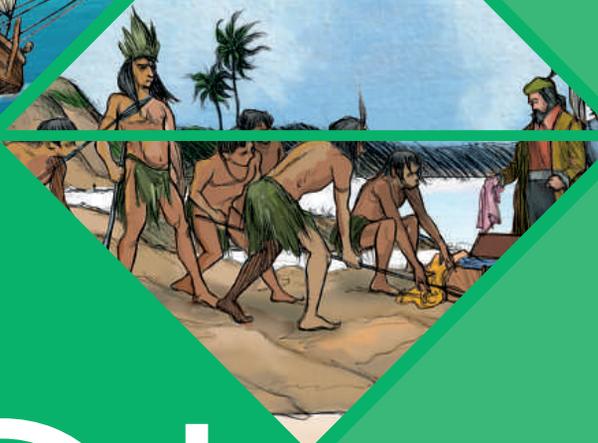


# Carta de achamento

de Pero Vaz de Caminha  
por Vanessa Paiva



# AOL

Análise de Obras Literárias



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO



# EXPEDIENTE



**Autoria:** Vanessa Paiva

**Direção-geral:** Nicolau Arbex Sarkis

**Gerência editorial:** Emilia Noriko Ohno

**Coordenação de projeto editorial:** Bruna Mayra Vieira da Conceição

**Edição de conteúdo:** Cláudio Leyria

**Analista editorial:** Débora Cristina Guedes

**Gerência de design e produção editorial:** Ricardo de Gan Braga

**Coordenação de revisão:** Renata Ultramarini

**Revisão:** Eliana Marília G. Cesar, Leticia Borges, Paulo V. Coelho e Sara de Jesus Santos

**Coordenação de arte:** Kleber de Messas  
**Diagramação:** Cláudia Carminati e Valmir da Silva Santos

**Ilustração:** Robson Araújo

**Projeto gráfico e capa:** Kleber S. Portela

**Coordenação de licenciamento e iconografia:** Leticia Palária de Castro Rocha

**Analista de licenciamento:** Margarita Veloso e Souza

**Planejamento editorial:** Maria Carolina das Neves Ramos

**Coordenação de multimídia:** Kleber S. Portela

**Gerência de produção gráfica:** Guilherme Brito Silva

**Coordenação de produção gráfica:** Rodolfo da Silva Alves

**Produção gráfica:** Anderson Flávio Correia, Fernando Antônio Oliveira Arruda, Matheus Luiz Quinhones Godoy Soares e Vandrê Luis Soares

**Impressão e acabamento:** PifferPrint



## **Coleção AOL**

Copyright © Editora Poliedro, 2021.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,

Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

# Carta de achamento

de Pero Vaz de Caminha



# AOL

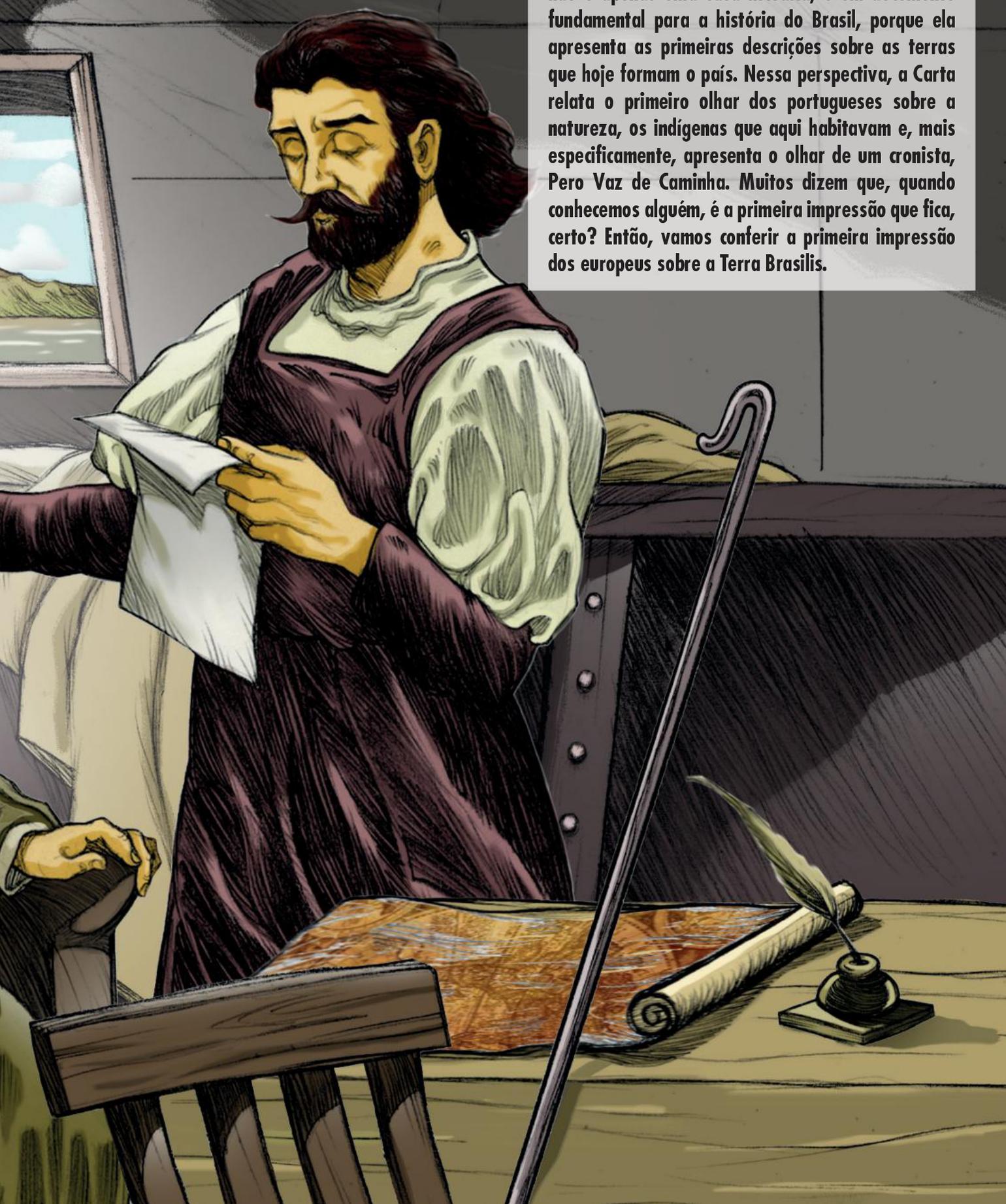
Análise de Obras Literárias

# Carta de achamento

de Pero Vaz de Caminha



A *Carta de achamento* de Pero Vaz de Caminha não é apenas uma obra literária, é um documento fundamental para a história do Brasil, porque ela apresenta as primeiras descrições sobre as terras que hoje formam o país. Nessa perspectiva, a Carta relata o primeiro olhar dos portugueses sobre a natureza, os indígenas que aqui habitavam e, mais especificamente, apresenta o olhar de um cronista, Pero Vaz de Caminha. Muitos dizem que, quando conhecemos alguém, é a primeira impressão que fica, certo? Então, vamos conferir a primeira impressão dos europeus sobre a Terra Brasilis.



## INTRODUÇÃO ▼

Antes de iniciar a leitura e a análise da *Carta de achamento* de Pero Vaz de Caminha, é essencial compreender o contexto e a época em que essa obra foi escrita. Para assimilar melhor esse importante documento da nossa história, devemos nos despir de nossos preconceitos e do nosso olhar típico do século XXI. Em outras palavras, não podemos ler a Carta de Caminha a partir dos pressupostos da cultura deste século, devemos entender o contexto da Carta e de sua época, pois, caso não o façamos dessa forma, podemos cair em um **anacronismo** em nossa leitura, o que prejudicaria a análise.

### Glossário

- **Anacronismo:** erro cronológico, expressado na falta de concordância com uma época.

Cabe ressaltar que a *Carta de achamento* não é uma obra que teve como objetivo ser exposta ao público na época. Na verdade, ela foi endereçada ao rei D. Manoel, e, conforme Lilia Schwarcz e Heloisa Starling afirmam no livro *Brasil: uma biografia*, a Carta é “hoje considerada oficialmente uma espécie de certidão de nascimento do Brasil: documento fundador e marco da origem de nossa história” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 34). Nesse contexto, devemos considerá-la uma obra que teve como objetivo comunicativo principal apresentar ao rei, a partir de descrições minuciosas sobre a terra recém-encontrada, os achados e as visões sobre esse “novo mundo”.

Assim, segundo Alfredo Bosi (2017), a Carta de Caminha deve ser compreendida como uma obra pertencente à literatura de informação visto que sua finalidade era repassar ao rei informações sobre as viagens e os lugares por onde a expedição

passava. Nessa perspectiva, outras cartas e tratados feitos naquele período tinham objetivos similares – estes documentos serão citados ao longo dessa análise da Carta de Caminha. Todos esses documentos apresentam semelhanças, como uma descrição minuciosa dos lugares e das pessoas – os quais eram caracterizados a partir de uma visão antropológica – e frequentes indagações sobre a existência ou não de riquezas minerais, tais como ouro e prata, ponto característico do metalismo, isto é, a busca por metais preciosos.

A obra sobre a qual iremos tratar é relevante e foi retomada através de outras obras mais recentes, como as do Modernismo, principalmente na Semana de Arte Moderna. Assim, podemos citar Oswald de Andrade, que fez uma alusão à *Carta de achamento*, a partir do poema “Erro de português”:

### Erro de português

*Quando o português chegou  
Debaixo de uma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.*

ANDRADE, O. In: Faraco & Moura. *Língua e Literatura*. v. 3. São Paulo: Ática, 1995. p. 146-147.

O poema faz menção ao seguinte trecho da Carta de Caminha:

*[...] Na noite seguinte, ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus, e especialmente a capitânia. E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela*



Outro poema, também de Oswald de Andrade, que apresenta uma relação com a Carta é “A descoberta”:

### *A descoberta*

*Seguimos nosso caminho por este mar de longo  
Até a oitava da Páscoa  
Topamos aves  
E houvermos vista de terra.*

FERREIRA, M. *Português: literatura, redação, gramática*. São Paulo: Atual, 2004.

“A descoberta” faz uma relação com o seguinte trecho da Carta:

*[...] E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra [...]*

Assim, percebemos as diferenças de proposta. Enquanto o Modernismo possui uma ideia de fortalecimento da identidade nacional e ruptura com o passado, a *Carta de achamento* é literatura de informação, está ancorada na observação de um viajante que repassa suas impressões ao rei. Portanto, depois de mergulharmos um pouco em *Carta de achamento*, vamos compreender o seu objetivo e a sua importância, ao mesmo tempo que vamos conhecer um pouco de Pero Vaz de Caminha.

## SOBRE O AUTOR ▼

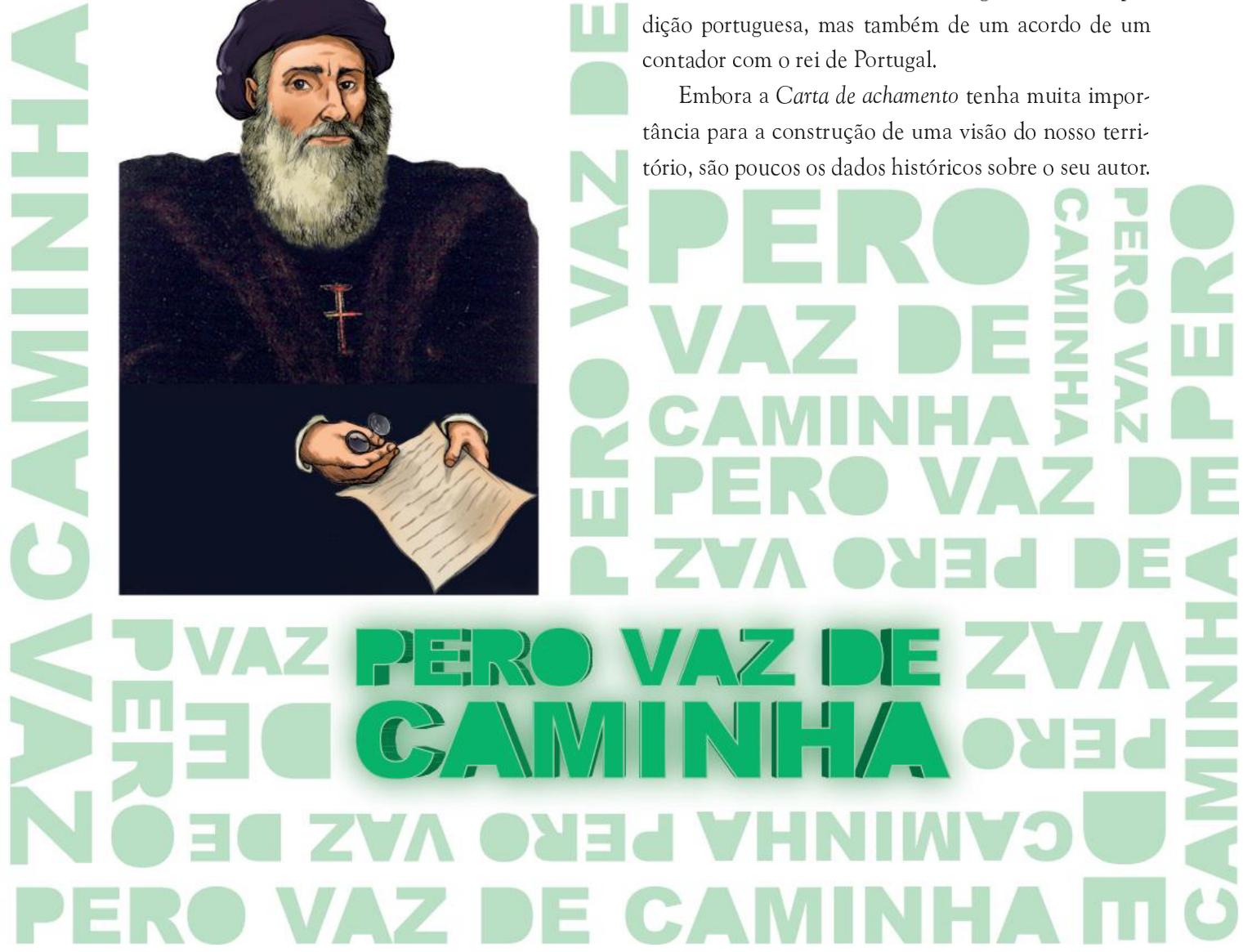
### Biografia do autor

Pouco se conhece sobre Pero Vaz de Caminha, no entanto, o que se sabe pelos registros históricos é que ele nasceu na cidade do Porto (Portugal) por volta de 1450 e era filho de Vasco de Caminha, cuja ocupação envolvia atividades fiscais, isto é, relacionadas a assuntos contábeis, de acordo com Eduardo Bueno (2019). Além disso, conforme afirma Bueno, Pero Vaz de Caminha, apesar de ter uma ligação com as ciências contábeis e de ter sido escalado para a expedição de Cabral como contador da feitoria, era um ótimo escritor e, devido às circunstâncias envolvidas na viagem, tornou-se o porta-voz da primeira descrição das terras encontradas para o rei português D. Manoel.



Uma pergunta comum que podemos fazer é: por que Pero Vaz de Caminha esteve presente nessa expedição de Cabral? Diferentemente do que era comum para muitos portugueses da época, que foram exilados de Portugal a partir dessas expedições, Caminha pertencia à burguesia portuguesa, distante da nobreza. Ele foi um brilhante contador e homem de confiança, foi também cavaleiro das casas de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I, e, portanto, manteve relações com a monarquia da época, afirma Bueno (2019). Assim, aproveitando-se do fato de ter sido escalado como contador para a feitoria de Calicute, Pero Vaz de Caminha pediu ao rei para que perdoasse seu genro, Jorge Osouro, que foi degredado para a África por um crime de agressão a um padre, segundo Bueno (2019). Desse modo, a Carta de Pero Vaz de Caminha original não somente de um relato de viagem de uma expedição portuguesa, mas também de um acordo de um contador com o rei de Portugal.

Embora a *Carta de achamento* tenha muita importância para a construção de uma visão do nosso território, são poucos os dados históricos sobre o seu autor.



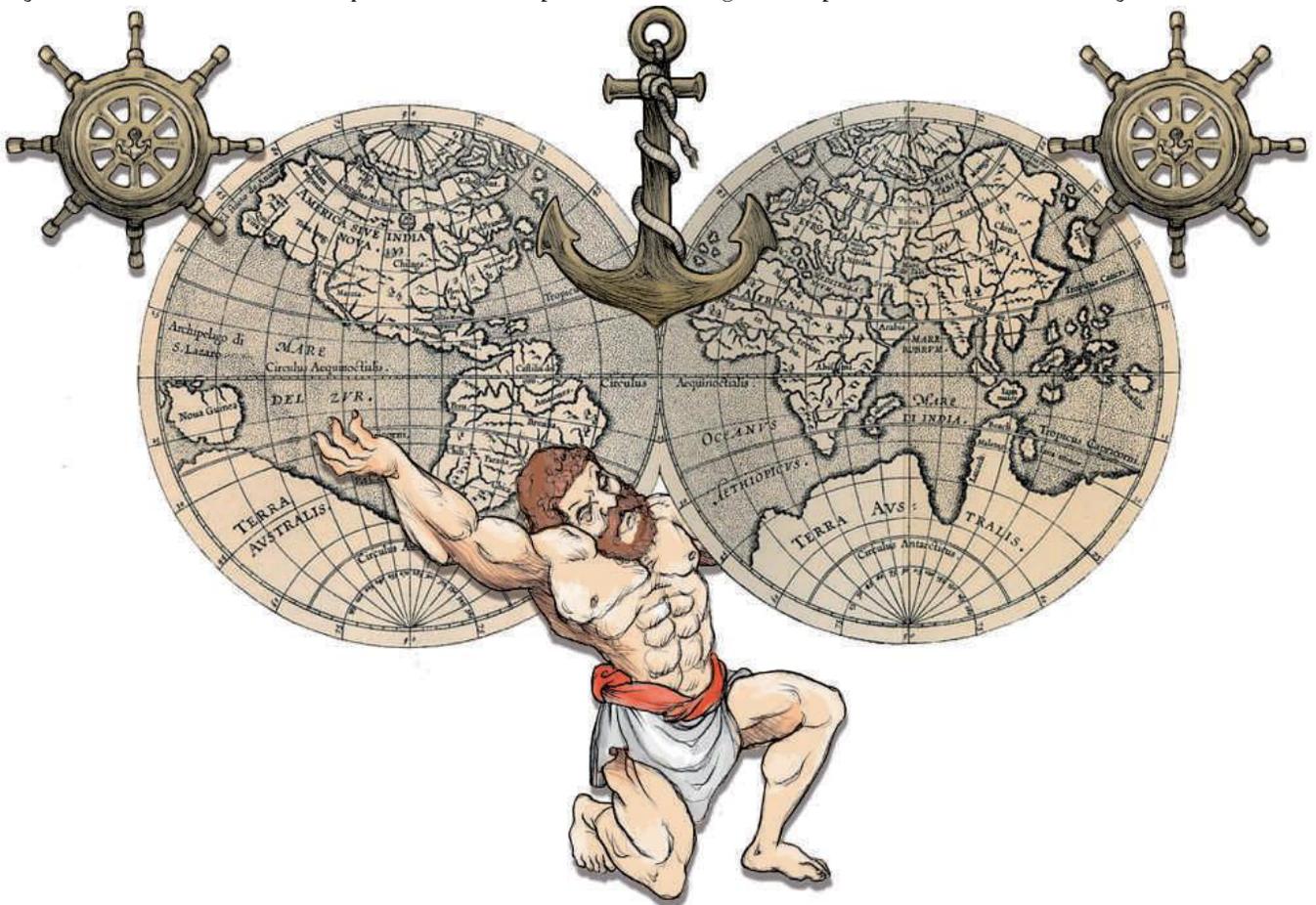
## O autor e seu período

Partindo inicialmente do contexto histórico, é necessário compreendermos o que estava acontecendo no mundo, mais especificamente na Europa, em 1500. A Europa naquele momento estava em expansão, com o crescimento das cidades, e as fronteiras sendo delimitadas por reinos e impérios que, entre 1400 e 1500, passaram a disputar mercados e a expandir seus territórios. Desse modo, esses locais foram se transformando em monarquias nacionais, cuja figura principal era o rei, processo que demonstrava uma centralização do poder. Assim, cada monarquia nacional buscou fortalecer seu território e seu reino, sobretudo economicamente, por meio de investimento nos mercados, na busca por preços melhores e por locais que pudessem enriquecê-los para, assim, garantir essa centralidade e esse poder característicos da época.

De modo a assegurar esse poder e a soberania econômica frente a outras monarquias nacionais europeias, os reis investiram nas navegações, visto que elas traziam retorno financeiro a partir das viagens de comercialização com o Oriente, território que não era monopolizado

comercialmente como o mar Mediterrâneo. Desse modo, as Índias Orientais eram uma rota alternativa para expandir o lucro e ampliar os poderes dessas monarquias centralizadoras. Portugal, um país banhado pelo mar, tinha uma importante ligação com a expansão marítima e possuía grande facilidade no que concerne às navegações, uma vez que territorialmente era privilegiado e gozava de autonomia e liberdade para navegar.

Esse período foi marcado, pelo mercantilismo, que se caracterizava pela busca de metais preciosos – principalmente ouro e prata –, pelo colonialismo, isto é, a busca por novas colônias de exploração e, conseqüentemente, pelo estabelecimento de monopólio nessas regiões recém-encontradas. Nessa perspectiva, assim como Espanha, França e Inglaterra, Portugal financiou diversas expedições para a exploração e para o comércio de especiarias, até que, em uma dessas viagens, a frota liderada por Pedro Álvares Cabral se deparou com terras desconhecidas. Assim, de acordo com Eduardo Bueno (2019), a viagem tinha como destino o Oriente, tanto que Caminha foi escalado para a viagem para ser contador e não escrivão oficial, cargo desempenhado e remetido a Gonçalo Gil Barbosa.



Outro aspecto bastante pertinente nesse período foi a propagação dos ideais humanistas, isto é, um momento em que se privilegiou o conhecimento do homem acerca do mundo e as ciências – e tudo o que está relacionado a ideias e conhecimentos científicos, como navegação e astronomia, por exemplo. Desse modo, a Europa dos séculos XV e XVI viveu um processo de antropocentrismo, o qual consiste na centralidade na figura do homem e todos os conhecimentos advindos dele. Assim, houve importantes instituições que corroboraram a pretensão pelas ciências, como a Escola de Sagres, onde houve o aperfeiçoamento de diversas tecnologias que possibilitaram melhor qualidade e maior precisão nas navegações, como a bússola, o astrolábio e a caravela, esta última criada pelos portugueses e utilizada a partir de 1441, de acordo com Boris Fausto (1995).

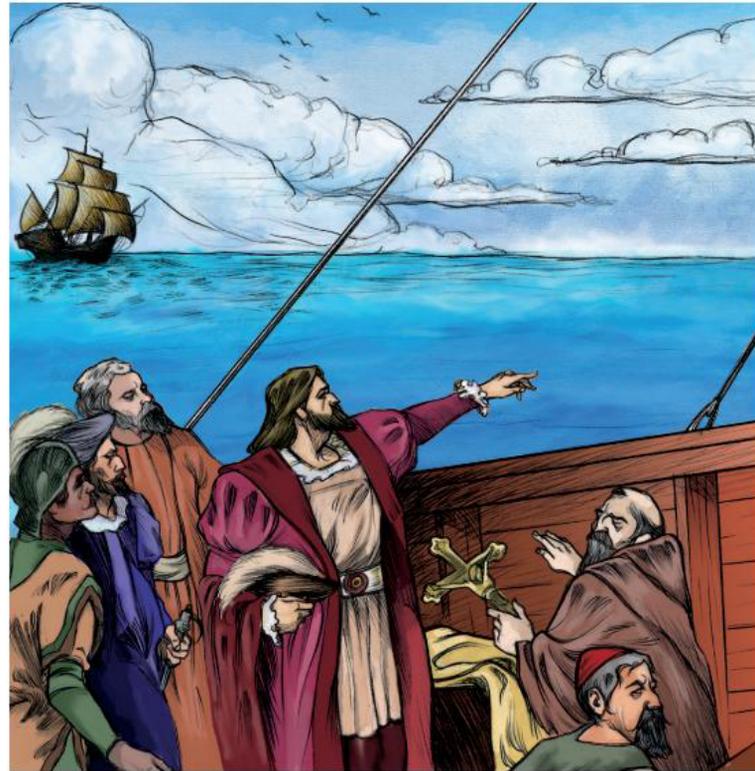
Em suma, o período em que Pero Vaz de Caminha escreve a *Carta de achamento* do Brasil está relacionado a um momento imediatamente posterior à formação das monarquias nacionais europeias, nas quais a burguesia e a Igreja – esta última terá destaque sobretudo na conversão dos **gentios** do “novo mundo” – exerciam papéis fundamentais nessas nações. Além disso, a obra de Caminha está inserida em um contexto em que o conhecimento do homem é destacado e, portanto, as ciências são essenciais para o aprimoramento de ferramentas que possam auxiliar os reis europeus, do século XVI, a buscar riquezas como ouro e prata e a manter uma economia favorável – a partir de melhores negócios e do monopólio de regiões recém-descobertas. A Igreja exerce um poder muito forte e merece destaque nesse período.

Essas concepções acerca desse contexto histórico são fundamentais para compreendermos a Carta de Caminha, visto que ela não é exatamente uma obra literária, mas um documento histórico que sintetiza essas visões do homem europeu de 1500, isto é, uma visão que focaliza suas ações na busca de impor sua religião às demais nações e, principalmente, na procura por metais preciosos, característica da presença forte da burguesia.

## Glossário

- **Gentio:** aquele que não é civilizado; pagão; selvagem.

## A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼



Pero Vaz de Caminha não possui diversas obras, diferentemente de outros autores que são estudados para os vestibulares, como José Saramago ou Machado de Assis. Nesse sentido, a *Carta de achamento* é sua única obra, pois seu objetivo inicial era apenas descrever para o rei de Portugal a terra recém-encontrada, portanto, não tinha a finalidade de entreter o leitor. Nesse contexto, a Carta de Caminha sintetiza o que Alfredo Bosi (2017) denomina como textos de informação ou, como apontado por outros críticos literários, literatura de viagens. Esses textos de informação, segundo Bosi, documentam precisamente a instauração do processo colonial; são informações de viajantes e missionários europeus acerca dos indígenas presentes no território descoberto e características naturais e geográficas da região.

Embora esta seja uma obra única de Caminha, vale citar livros de outros autores do mesmo período que apresentam as mesmas características dos textos de informação, tais como:

- I. Diário de Navegação, de *Pero Lopes e Sousa, escrivão da primeira expedição colonizadora de Martim Afonso de Sousa (1530)*;
- II. Tratado da Terra do Brasil e História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil, de *Pero Magalhães Gândavo (1576)*;
- III. Narrativa Epistolar e Tratados da Terra e da Gente do Brasil, do *jesuíta Fernão Cardim (1583)*;
- IV. Tratado Descritivo do Brasil, de *Gabriel Soares de Sousa (1587)*;
- V. Diálogo sobre a Conversão dos Gentios, do *padre Manuel da Nóbrega*;
- VI. História do Brasil, do *frei Vicente do Salvador (1627)*.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 52 ed. São Paulo: Cultrix, 2017. p.14.

Todas essas obras citadas, inclusive a *Carta de achamento*, apresentam em comum as seguintes características: texto de informação escrito por viajantes em expedições marítimas, que descrevem com bastante minúcia e precisão os locais e seus habitantes

nativos; a importância dada aos aspectos religiosos, ou seja, a todo momento são tratados aspectos relativos à conversão dos gentios e o nível de dificuldade desse processo; e o indicativo da existência de metais preciosos.

## Aspectos gerais da obra analisada

Como já apontado anteriormente, a Carta de Caminha é um texto de informação relacionado às viagens, no período das Grandes Navegações, e, portanto, apresenta elementos relativos à descrição dos nativos e do ambiente recém-encontrado. Nesse aspecto, a Carta inicia com o vocativo “Senhor” e com a explicação sobre seu conteúdo e objetivo.

*Senhor:*

*Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer. Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.*



Percebemos nesse trecho inicial que Caminha deixa claro ao rei D. Manuel o seu compromisso de descrever de forma exata o que foi visto, isto é, não procura, nesse documento, tornar a terra e os nativos mais bonitos (“aformosear”) e nem mais feios (“afear”). Assim, após essa justificativa e apresentação, Caminha descreve a partida da frota de Portugal, no porto de Belém:

*A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã-Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houve vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.*



Nesse ponto da Carta, as descrições são relativas à localização geográfica e às datas. Essas exposições são importantes também se considerarmos que as caravelas não possuíam uma mecânica associada a um motor e, portanto, dependiam das correntes marítimas e do vento. Desse modo, essa descrição minuciosa dos

dias e das localizações indica esses elementos fundamentais referentes ao tempo de navegação, sobretudo pelo detalhe de quantas léguas estavam da origem (“três a quatro léguas”), por exemplo. Outro momento importante na Carta, logo a seguir, é a descrição dos primeiros sinais de terra, trecho amplamente abordado por questões de vestibulares, já que é um ponto de fundamental importância no que concerne aos primeiros achados e ao primeiro contato:

*E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam **botelho**, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos. Neste dia, a horas de véspera, houve vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz. Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças; e ao sol posto, obra de seis léguas da terra, surgimos âncoras, em dezenove braças – ancoragem limpa.*

### Glossário

- **Botelho:** planta aquática.

O autor descreve os primeiros sinais de terra, como a presença de plantas aquáticas e aves e, logo depois, a terra propriamente dita (“houve vista de terra!”). Logo em seguida, descreve o Monte Pascoal, que recebeu este nome porque era época da Páscoa (21 de abril, terça-feira das Oitavas de Páscoa), e o batismo da terra pelo capitão, a qual se passou a chamar de Terra da Vera Cruz. Caminha demonstra nesse trecho um pequeno domínio do colonizador quanto ao território colonizado, visto que o “batismo”, isto é,

“dar nome a um lugar”, já denota o sentimento de ser dono de algo; no entanto, Caminha não faz nenhuma crítica, apenas descreve esse momento da chegada dos portugueses. Em seguida, Caminha descreve o encontro dos europeus com os nativos, a partir de então, ele passa a fazer uma descrição, em vários trechos da Carta – que aqui retomaremos algumas vezes – de modo quase antropológico, posto que trata dos indígenas desde sua aparência física até detalhes do comportamento diante dos portugueses



*Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. (...)*

*Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas,*

*que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.*

### Glossário

- **Batel:** pequeno barco.
- **Aljaveira:** relativo a aljôfar que é uma pequena pérola.

Essa primeira descrição, relativa à quantidade de homens na praia, será retomada diversas vezes ao longo da Carta, com a finalidade de demonstrar que a cada dia que se passava, mais nativos andavam pela praia, o que demonstra a curiosidade do indígena em relação ao europeu recém-chegado. Além disso, esse trecho apresenta os indígenas – pardos, nus e sem nenhuma vestimenta que cobrisse seus órgãos sexuais (“suas vergonhas”) –, com seus arcos e flechas, em pé sobre o pequeno barco (“batel”), que, com um gesto de Nicolau Coelho, baixaram suas armas. Nicolau Coelho, conforme afirma Bueno (2019), era um navegador experiente, que estivera na expedição de Vasco da Gama às Índias, e, por isso, estava presente na expedição que culminou no descobrimento do Brasil. Nicolau, de acordo com o trecho apresentado, fez as primeiras trocas com os indígenas, e os objetos trocados foram um gorro (“barrete”), uma touca (“carapuça”) e um chapéu (“sombreiro”); os indígenas deram-lhe um cocar de penas e um colar que tinha contas que lembravam pérolas. A descrição dessa troca é importante porque retrata as dificuldades de comunicação impostas pela situação.

Após esse primeiro contato, Caminha descreve uma separação entre eles devido às condições climáticas do momento e os dias que sucederam esse primeiro encontro, que foram chuvosos e levaram os portugueses a buscar outras estratégias para abordar os nativos. Depois disso, os portugueses continuaram a estabelecer contato com os indígenas, que lotavam cada vez mais a praia, até que alguns nativos foram levados ao navio da expedição, como descrito na Carta:

## Glossário

- **Esquife:** embarcação (denominação antiga); na atualidade, o significado dessa palavra é caixão de defunto, féretro.
- **Almadia:** embarcação antiga da Ásia e da África.

*Quando fizemos vela, estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali poucos e poucos. [...]*

*E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro; e tomou dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam numa almadia. Um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas de nada lhes serviram. Trouxe-os logo, já de noite, ao Capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa.*



Não cabe nessa análise procurarmos entender por que os portugueses convidaram os indígenas para o navio, no entanto, esse trecho aponta para algumas questões importantes como o aumento do número de homens na praia, ou seja, a curiosidade cada vez maior, e a presença de armas (“Um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam, muitos com seus arcos e setas; mas de nada lhes serviam”), o que demonstra uma curiosidade mesclada com desconfiança sobre o perigo que os portugueses representavam.

O próximo trecho é repleto de descrições físicas acerca dos indígenas, o que é de grande valia em relação a dois aspectos: a visão que os portugueses tinham dos nativos e a própria composição física destes:

*A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus*

*ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber. Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepenete, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de ave amarelas, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como cera (mas não o era), de maneira que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar.*

Esse tipo de descrição, demasiadamente detalhada, compõe toda a Carta, ora o foco é no comportamento dos indígenas, ora o olhar detalhista é no porte físico dos nativos. A descrição apresentada é a primeira de muitas outras presentes na obra, o que demonstra um certo viés antropológico, isto é, o interesse de compreender como são formadas essas pessoas tão diferentes dos portugueses. Em alguns outros pontos da Carta, a descrição se atém às mulheres indígenas:

*Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.*

A descrição das mulheres feita por Caminha denota não só um olhar antropológico, como também um olhar sexualizado, que se torna bastante claro no trecho “e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.”, em que a palavra “vergonha” é utilizada tanto para o sentido de órgão sexual quanto para o de sentimento de embaraço. Em outro ponto da Carta, há novamente um foco para os atributos físicos das indígenas, os quais são ressaltados ao longo de toda a obra e sempre com uma perspectiva mais sexualizada:

*E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela.*

### Glossário

- **Tosquiado:** aquele que possui os cabelos com um corte curto, corte rente.



Nesse trecho, além do interesse de descrever a nativa, Pero Vaz de Caminha a compara com as mulheres portuguesas (“muitas mulheres de nossa terra”) e mais uma vez faz um jogo de palavras com o termo “vergonha”, mas aqui o autor destaca a possível comparação que as mulheres portuguesas fariam com as indígenas, assim, ele demonstra que elas são mais bonitas de corpo (“tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa”). Além disso, nesse trecho, ao afirmar que a índia não tinha vergonha, podemos compreender que as indígenas não se sentiam envergonhadas ou eram ingênuas quanto à malícia dos portugueses ou, ainda, que estavam “disponíveis” sexualmente. De qualquer maneira, para a nossa análise, é importante frisar como a descrição das mulheres indígenas possui um viés mais sexualizado, diferentemente da que é feita dos homens indígenas, em que há ênfase para o tipo de acessórios que usavam, suas armas e sua disposição física (talvez para um possível conflito).

Outro elemento ressaltado por Caminha ao longo de sua Carta é a descrição dos portugueses, como se vestiam e sua disposição para encontrar com os indígenas, sendo um desses encontros realizado dentro do navio, como explicitado no seguinte trecho:

*O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas.*

### Glossário

- **Alcatifa:** alfombra, tapete.

Nesse trecho, o capitão se encontra em um patamar hierárquico diferenciado de todos os outros homens, tanto pela simbologia de sua posição – ele

está sentado em uma cadeira, enquanto os outros se sentam em tapetes, no chão – quanto pelo foco em sua descrição (“bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço”). Esse encontro entre portugueses e indígenas deve ter nossa atenção, uma vez que está presente em diversos exames e vestibulares, seja em relação aos seus aspectos literários, seja em relação ao conteúdo histórico, assim, esse trecho da obra aparece frequentemente, visto que é muito rico quanto à descrição e diferença cultural entre eles e quanto à sua historicidade. Nesse encontro, um outro aspecto importante é a ideia do metalismo, conceito muito presente no tempo das Grandes Navegações, que consiste no interesse por metais preciosos em terras recém-encontradas pelos europeus. Desse modo, o trecho seguinte demonstra o destaque que o autor dá a esse assunto:

*Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata.*

Aqui, Caminha descreve a entrada dos indígenas no navio e o comportamento deles, que causa estranhamento ao autor, visto que ele relata que os indígenas, segundo o seu olhar europeu, não fizeram sinal de cortesia e não se dirigiram a ninguém no navio, inclusive ao capitão. Embora isso tenha ocorrido, Caminha descreve a reação dos indígenas aos metais presentes no navio, ao colar do capitão, aos castiçais, e mesmo às contas de um rosário. Ele destaca que a interpretação é exclusiva de Caminha e dos portugueses, como vemos a seguir:

*Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava*

*para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera.*

Um outro ponto destacado por Caminha ao longo da Carta é a diferença cultural entre portugueses e indígenas em relação à criação de animais e preferências culinárias. No trecho abaixo, há uma descrição quanto à distinção entre eles:

*Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha, quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes a água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.*

Esse ponto da obra é de fundamental importância devido à sua riqueza histórica, visto que indica os tipos de animais que faziam parte do território brasileiro e aqueles que foram introduzidos pelos portugueses, além de distinguir os hábitos alimentares, Caminha, em diversos trechos, aponta para essa diferença:

*Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam; e que lhes davam de comer daquela vianda, que eles tinham, a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem.*

Enquanto os portugueses se alimentavam de comidas tipicamente europeias, como figo, mel e vinho, os indígenas comiam sementes, inhame e frutas. Caminha também descreve, em outro trecho, o comportamento dos nativos quanto aos animais e ao cultivo de alimentos:

*Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.*

### Glossário

- **Nédios:** que reluz, brilhante.

O autor, neste trecho, apresenta o hábito alimentar dos indígenas, partindo claramente da sua perspectiva cultural, isto é, Caminha, como europeu, ressalta a não criação de animais, hábito muito comum para os povos da Europa de maneira geral; além de comparar a alimentação dos indígenas, que é, conforme o autor, a causa da rigidez e da pele brilhosa, diferentemente dos portugueses que não são dessa forma por comerem mais trigo e legumes.



Outro tema de muito destaque na Carta de Caminha são as pequenas expedições antropológicas que eram realizadas para os locais onde as tribos moravam, e que eram sempre feitas por degredados – pessoas condenadas ao desterro. As expedições eram formas dessas pessoas saírem do país. Um desses degredados era Afonso Ribeiro, descrito por Caminha como um “mancebo degradado, criado de D. João Telo”. Afonso Ribeiro era o encarregado de fazer pequenas incursões nesses locais, com a finalidade de passar informações aos portugueses sobre o modo de vida, moradias e quaisquer outros detalhes que pudessem alertar os europeus quanto a metais preciosos ou possíveis conflitos. Conforme Eduardo Bueno (2019) afirma, Afonso Ribeiro e outro degredado foram deixados no Brasil – veremos mais detalhes no final de nossa análise – com a finalidade de reconhecerem a terra e outras missões relativas à descoberta do território; no entanto, após 20 meses de reclusão em terras brasileiras, Afonso Ribeiro retornou a Portugal através da expedição de Américo Vespúcio, mandada pelo rei D. Manuel.

Desse modo, percebemos que a figura do degredado era um assunto problemático e os condenados a esse castigo possuíam funções de reconhecimento da terra, maior contato com os indígenas e eram raros aqueles que conseguiam sobreviver. Já imaginou qual seria o destino deles? Assim, Afonso Ribeiro, diversas vezes citado por Caminha em sua Carta, era o encarregado de passar dias e, inclusive, noites com os indígenas. Entretanto, os nativos não o deixavam dormir com eles e sempre o mandavam de volta para o navio. Caminha descreve várias vezes essas incursões feitas pelo degredado:

*E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degradado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras. (...) Tornamos e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles. Este levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não cuidaram de lhe tomar nada, antes o mandaram com tudo. Mas então Bartolomeu Dias o fez outra vez tornar, ordenando que lhes desse aquilo. E ele tornou e o deu, à vista de nós, àquele que da primeira vez agasalhara. Logo voltou e nós trouxemo-lo.*



Nesse trecho, Afonso Ribeiro vai até os nativos, acompanhado de Caminha e Nicolau Coelho. Há vários relatos desse momento na Carta sobre o comportamento dos nativos quanto à presença dos portugueses, inclusive as interações feitas entre eles. No entanto, o foco nesse trecho está nas trocas realizadas entre eles, em que o degredado retorna com uma bacia pequena e toucas vermelhas que seriam entregues ao capitão português, o que demonstra que os indígenas não queriam os objetos dos portugueses, como apontado pelo próprio autor (“Não cuidaram de lhe tomar nada, antes o mandaram com tudo”). Caminha relata também em outros trechos quando o degredado é expulso pelos indígenas, que o impedem de passar a noite com eles, e, mais uma vez, o Capitão sempre o manda de volta:

*Mandou o Capitão aquele degredado Afonso Ribeiro, que se fosse outra vez com eles. Ele foi e andou lá um bom pedaço, mas à tarde tornou-se, que o fizeram eles vir e não o quiseram lá consentir. E deram-lhe arcs e setas; e não lhe tomaram nenhuma coisa do seu. Antes – disse ele – que um lhe tomara umas continhas amarelas, que levava, e fugia com elas, e ele se queixou e os outros foram logo após, e lhas tomaram e tornaram-lhas a dar; e então mandaram-no vir. Disse que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos muito grandes, como de Entre Douro e Minho.*

Nesse ponto da Carta, há a primeira descrição da moradia dos indígenas que, pela visão dos portugueses, é similar a choupanas de uma região ao norte de Portugal, denominada Entre Douro e Minho. Em outro trecho, um pouco mais adiante, há uma descrição mais detalhada das casas dos nativos:

*E o Capitão mandou aquele degredado Afonso Ribeiro e a outros dois degredados, que fossem lá andar entre eles; e assim a Diogo Dias, por ser homem ledado, com que eles folgavam. Aos degredados mandou que ficassem lá esta noite. Foram-se lá todos, e andaram entre eles. E, segundo eles diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia. Eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas duma só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios; e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma num cabo, e outra no outro. Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam; (...) Mas, quando se fez tarde fizeram-nos logo tornar a todos e não quiseram que lá ficasse nenhum.*

#### Glossário

- **Choupana:** casa tosca e humilde.
- **Ledado:** contente, risonho.

Caminha descreve essa incursão de modo mais detalhado, com foco na distância da moradia dos indígenas em relação à praia e na estrutura das casas. Além disso, descreve Diogo Dias, figura que aparece algumas vezes na Carta e é destacado como um homem simpático que toca gaita e é voltado para festas e encontros sociais, por isso ele seria a pessoa indicada para fazer a incursão com os degredados, já que os indígenas tinham maior simpatia por ele (“com que eles folgavam”) e era mais social, de acordo com a perspectiva do autor. No entanto, mesmo com a presença de Diogo Dias, os indígenas não deixavam nenhum europeu passar a noite com eles e sempre tinham que retornar.

Na Carta de Caminha, um outro aspecto que é descrito pelo autor é o destino dos degredados, que é discutido pelos integrantes da expedição, como apresentado no seguinte trecho:

*E entre muitas falas que no caso se fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem. E nisto concluíram. E tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais se lhes parecia bem tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, deixando aqui por eles outros dois destes degredados. Sobre isto acordaram que não era necessário tomar por força homens, porque era geral costume dos que assim levavam por força para alguma parte dizerem que há ali de tudo quanto lhes perguntam; e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degredados que aqui deixassem, do que eles dariam se os levassem, por ser gente que ninguém entende. Nem eles tão cedo aprenderiam a falar para o saberem tão bem dizer que muito melhor estoutros o não digam, quando Vossa Alteza cá mandar. E que, portanto, não cuidassem de aqui tomar ninguém por força nem de fazer escândalo, para de todo mais os amansar e apacificar, senão somente deixar aqui os dois degredados, quando daqui partíssemos. E assim, por melhor a todos parecer, ficou determinado.*

Nesse trecho, o que se torna explícita é a discussão dos integrantes quanto à presença definitiva dos degredados em território brasileiro, dessa forma, Caminha deixa claro ao rei que o fato de os degredados serem mantidos no Brasil seria muito positivo para Portugal, principalmente porque era uma forma de marcar a presença sem causar escândalo pelo uso da força sobre os nativos. Ou seja, Caminha defendia a diplomacia (“não cuidassem de aqui tomar ninguém por força nem de fazer escândalo, para de todo mais os amansar e apacificar, senão somente deixar aqui os dois degredados, quando daqui partíssemos.”), e isso tornaria mais fácil a pacificação dos nativos.

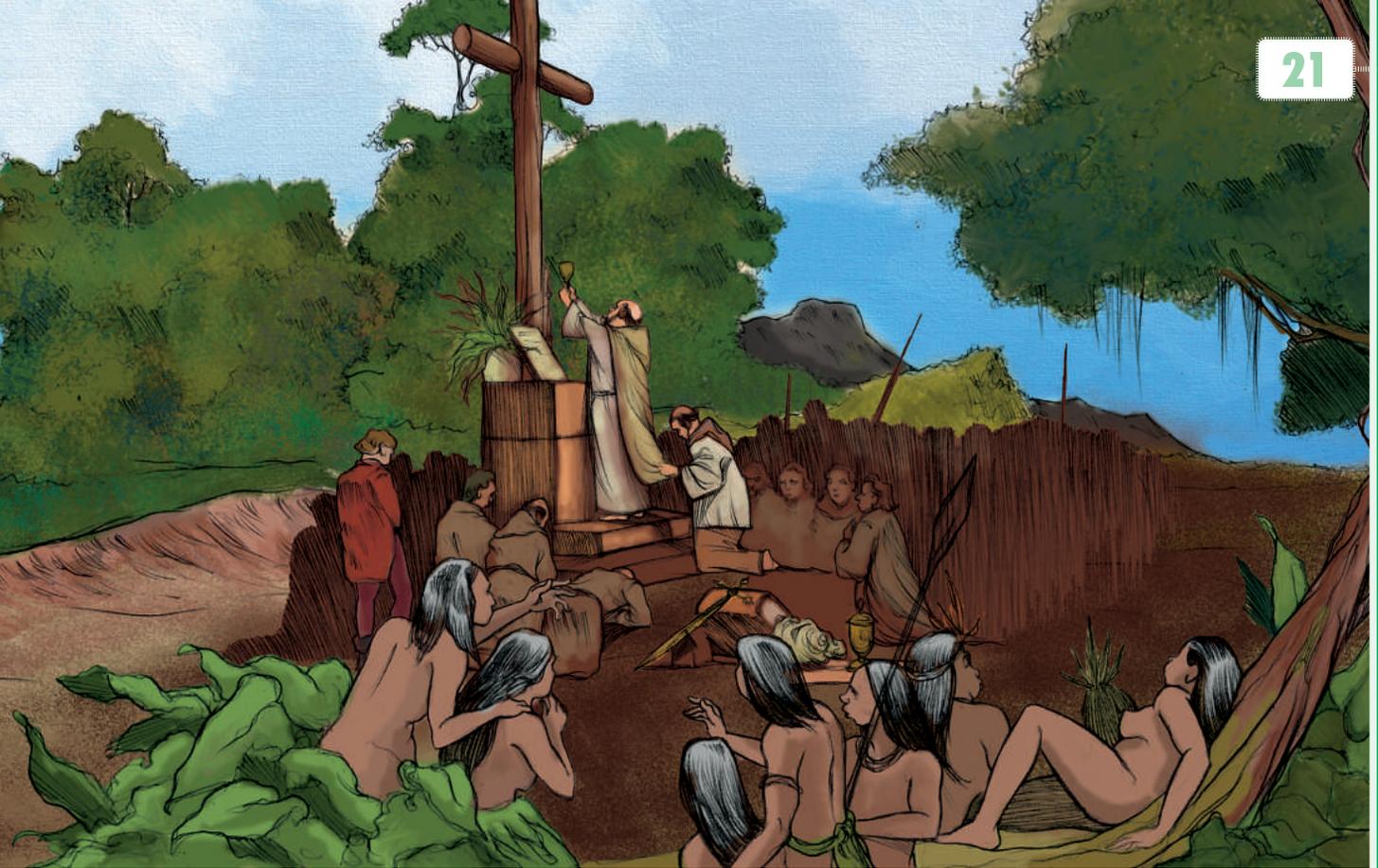
Além desses elementos que compõem a Carta, como a descrição dos nativos, do interesse por metais preciosos e pelo destino dos degredados, outro aspecto fundamental para compreendermos essa obra, e que é constantemente cobrado em exames e vestibulares, é a primeira missa nas terras recém-encontradas.

A primeira missa é descrita de forma bastante minuciosa tanto em relação aos procedimentos, como a fixação da cruz, como em relação ao comportamento dos indígenas, que ocupa boa parte das descrições. O trecho abaixo é um exemplo:

*Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esparavel, e dentro dele um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.*

### Glossário

- **Pascoela:** Páscoa.
- **Ilhéu:** pequena ilha.
- **Esparavel:** cobertura por cima de um leito ou pavilhão.



O trecho apresenta uma pequena descrição quanto ao ambiente em que seria realizada a primeira missa e quem a celebraria, o frei Henrique. O interessante desse trecho é a visão de Caminha em relação ao comprometimento das pessoas presentes na celebração e como ele deixa claro que esta é uma perspectiva particular dele quanto a isso (“A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção”). Outro aspecto também tratado nesse trecho é a importância da presença da religiosidade nessas expedições, muito marcadas pela missão de divulgar a fé católica em todos os locais, principalmente naqueles onde havia, segundo eles, tantos povos pagãos, considerados cheios de pecado e que necessitavam de uma conversão efetiva. O trecho abaixo é um exemplo:

*Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e*

*do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção.*

Além desses aspectos, um outro ponto bastante mencionado e descrito por Pero Vaz de Caminha é o comportamento dos nativos no momento da missa:

*Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço.*

Nesse trecho, é descrita a curiosidade dos indígenas, percebe-se que os nativos observaram os portugueses e, somente após terminada a missa, eles começaram a tocar instrumentos e a dançar. No entanto, em seguida, próximo ao final da Carta, em uma segunda celebração, os nativos apresentam outro tipo de comportamento:

*Chantada a Cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiramente lhe pregaram, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos de joelhos, assim como nós. E quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, ficando assim, até ser acabado; e então tornaram-se a assentar como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim todos, como nós estávamos com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados, que, certifico a Vossa Alteza, nos fez muita devoção.*

Nesse trecho, percebemos como os indígenas se comportaram durante a celebração religiosa. De acordo com os apontamentos do autor, os nativos repetiram as ações realizadas pelos portugueses, características de uma missa, como se ajoelhar e levantar durante o evangelho. Outro aspecto interessante a se observar nesse trecho é a importância da fixação da cruz em território brasileiro e como ela é caracterizada, isto é, a cruz não pode ser simples, visto que ela deve apresentar as armas e a divisa do rei de Portugal, e isso será característico durante todo o período colonial brasileiro, como podemos observar, ainda atualmente, em cidades como Tiradentes e Ouro Preto. A fixação da cruz representa a importância que se dá para a efetiva conversão do gentio e de uma demarcação da presença portuguesa e da cristandade em território brasileiro. Além disso, um comentário acerca do comportamento dos indígenas e sua possível conversão é feita por Caminha após descrever essa última celebração da viagem:

*E, segundo que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. E bem*

*creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados, que aqui entre eles ficam, os quais, ambos, hoje também comungaram. Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse. Puseram-lho a redor de si. Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha. Ora veja Vossa Alteza se quem em tal inocência vive se converterá ou não, ensinando-lhes o que pertence à sua salvação.*

Essa parte é de fundamental importância para o nosso estudo sobre essa obra, uma vez que ela trata da visão que os portugueses tinham sobre a imposição da fé cristã, sobretudo ao julgar que os nativos não tinham fé ou qualquer tipo de religião (“por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm”) e a preocupação em convertê-los de maneira suave (“se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza”), mas de maneira rápida (“se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé”). Ademais, Caminha descreve o comportamento de uma indígena no momento da celebração, a qual estava nua e era de tal modo ingênua, na concepção do autor, que, ao se sentar, não se cobriu, e isso é ilustrado a partir de uma analogia com Adão e o paraíso, analogia esta muito comum para os europeus. Em outras palavras, o comportamento da nativa é comparado ao de Adão e Eva, assim como o paraíso – elementos muito presentes no imaginário dos europeus, devido à religiosidade e à ideia de um paraíso, um lugar perfeito – é comparado aos países da América Latina de modo geral.

No entanto, não sejamos ingênuos, esse discurso de cristandade é uma das formas de domínio mais comuns dos europeus ao chegarem nos territórios recém-encontrados. Dessa forma, é preciso sempre ter um olhar bastante crítico quanto ao interesse dos navegadores em relação às terras americanas.



No final da Carta, Pero Vaz de Caminha faz uma breve descrição geral sobre os aspectos naturais das terras encontradas, principalmente da praia, da possível existência de metais e da possibilidade de o território ser bastante extenso, ou seja, provavelmente, para Caminha, não era uma ilha:

*Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houremos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.*

#### Glossário

- Chã: planície.

Além dos pontos mencionados, esse trecho da Carta apresenta as condições climáticas (“a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho”), e o mais importante é ressaltado neste trecho: a conversão dos nativos, a sua semente e o seu fruto, metáfora usada para designar o domínio português sobre o território brasileiro (“Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar”). No parágrafo final, Caminha se dirige diretamente ao rei de Portugal:

*E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.*

Nesse trecho final, há uma certa formalidade e, principalmente, um pedido de desculpas, visto que

Caminha se alongou demais ao descrever a terra e assim o fez, segundo o autor, para que o rei D. Manuel tivesse uma verdadeira noção de como seria o território recém-encontrado. Ao ler a Carta de Caminha, além de considerá-la um documento fundamental para entender o início da colonização do Brasil, percebemos as particularidades e os valores dos portugueses naquele tempo: religiosidade, presença de metais preciosos, mulheres nativas, possíveis conflitos e a situação dos degredados europeus.

Desse modo, essa análise teve como objetivo apresentar uma rápida abordagem sobre essa obra que fará parte da sua prova. Assim, essa investigação sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha tem como finalidade auxiliar a compreensão dessa obra, considerada complexa e difícil devido à época em que foi escrita e à sua linguagem, para que o aluno possa lê-la com mais tranquilidade e segurança.



# QUESTÕES

**1. Enem 2013** *De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente.*

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FARIA, R. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

A carta de Pero Vaz de Caminha permite entender o projeto colonizador para a nova terra. Nesse trecho, o relato enfatiza o seguinte objetivo:

- A Valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos.
- B Descrever a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa.
- C Transmitir o conhecimento dos indígenas sobre o potencial econômico existente.
- D Realçar a pobreza dos habitantes nativos para demarcar a superioridade europeia.
- E Criticar o modo de vida dos povos autóctones para evidenciar a ausência de trabalho.

**2. Enem 2013**

## Texto I

*Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.*

CASTRO, S. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

## Texto II



PORTINARI, C. *O descobrimento do Brasil*. 1956. Óleo sobre tela, 199 x 169 cm. Disponível em: [www.portinari.org.br](http://www.portinari.org.br). Acesso em: 12 jun. 2013.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que:

- A a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- B a tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- C a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.
- D as duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.
- E a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

**3. UFF-RJ** A “Carta de Pero Vaz de Caminha”, escrita em 1500, é considerada como um dos documentos fundadores da Terra Brasilis e reflete, em seu texto, valores gerais da cultura renascentista, dentre os quais se destaca:

- A** a visão do índio como pertencente ao universo não religioso, tendo em conta sua antropofagia;
- B** a informação sobre os preconceitos desenvolvidos pelo renascimento no que tange à impossibilidade de se formar nos trópicos uma civilização católica e moderna;
- C** a identificação do Novo Mundo como uma área de insucesso devido à elevada temperatura que nada deixaria produzir;
- D** a observação da natureza e do homem do Novo Mundo como resultado da experiência da nova visão de homem, característica do século XV;
- E** a consideração da natureza e do homem como inferiores ao que foi projetado por Deus na Gênese.

**4. Ufam 2015** Leia os trechos abaixo, pertencentes à “Carta”, de Pero Vaz de Caminha:

*O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correa e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata.*

*Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela; não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.*

*Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas e lançou-as ao*

*pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.*

Sobre o texto acima, fazem-se as seguintes afirmativas:

- I.** O cronista procura valorizar o cristianismo, ideologia que seria um dos braços da colonização, mediante referência ao interesse do gentio pelo rosário.
- II.** Caminha registra pormenores em ritmo sincopado (“Acenderam-se tochas. Entraram”), o que mostra o literato latente que havia nele.
- III.** Com as referências à existência de ouro e prata em terra, Caminha procura despertar o interesse do rei de Portugal, D. Manuel.
- IV.** O carneiro e a galinha eram animais que os portugueses traziam para a sua alimentação a bordo e que não existiam no Brasil.
- V.** Como escrivão da frota de Cabral, a quem chama de Capitão, Caminha procurou ser fiel à realidade, a fim de bem informar a Coroa Portuguesa.

Assinale a alternativa correta:

- A** Somente as afirmativas I, II e V estão corretas.
- B** Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- C** Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- D** Somente as afirmativas II, III e V estão corretas.
- E** Todas as afirmativas estão corretas.

**5. Ufam 2019** *Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé. E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.*

(Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha)

A partir da leitura do trecho, assinale a alternativa CORRETA:

- A A conclusão de Pero Vaz de Caminha sobre a terra descoberta pelos navegadores portugueses é de sua grande valia enquanto entreposto.
- B A Carta de Pero de Caminha foi encomendada por José de Anchieta, que viria para a terra descoberta santificar os índios.
- C A Carta dá ênfase maior ao grande trunfo de Portugal, que era a navegação a Calecute.
- D Caminha pede perdão por, ao escrever com tantas minúcias, ter faltado com a verdade.
- E O registro de Pero Vaz de Caminha, ao vislumbrar a possibilidade de salvar almas na terra descoberta, destaca a fé católica da monarquia portuguesa.

### 6. UFJVM 2013 Leia:

*O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata.*

Fonte: Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963.

Considere estas afirmativas feitas sobre a “Carta de Achamento do Brasil”, de Pero Vaz de Caminha.

- I. De acordo com a descrição presente no trecho, o Capitão, sentado em uma alcatifa e bem vestido, e os demais, sentados no chão, receberam os nativos na nau.
- II. Supõe-se que os tripulantes esperavam um sinal de cortesia por parte dos nativos, por se tratar de um gesto de cumprimento, de receptividade, conforme as convenções sociais a que os primeiros estavam habituados.
- III. Depois que fitou o colar do Capitão, um dos nativos acenou para a terra. Este gesto pode ser

interpretado como sendo uma ingenuidade dos nativos, que desconheciam o valor comercial do metal e as intenções dos portugueses.

Com base nessas afirmações, assinale a alternativa correta.

- A As afirmativas I e II estão erradas.
- B As afirmativas II e III estão erradas.
- C As afirmativas I e III estão corretas.
- D As afirmativas II e III estão corretas.

**7. UFMG** Com base na leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha, é INCORRETO afirmar que esse texto:

- A se filia ao gênero da literatura de viagem.
- B aborda seu próprio contexto de produção.
- C usa registro coloquial em estilo cerimonioso.
- D é composto de narração, descrição e dissertação.

**8. UFSM 2013** A carta de Pero Vaz de Caminha é o primeiro relato sobre a terra que viria a ser chamada de Brasil. Ali, percebe-se não apenas a curiosidade do europeu pelo nativo, mas também seu pasmo diante da exuberância da natureza da nova terra, que, hoje em dia, já se encontra degradada em muitos dos locais avistados por Caminha. Tendo isso em vista, leia o fragmento a seguir.

*Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa.*

*Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d'olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.*

*Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.*

*As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.*

CASTRO, Sílvio (Org.). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 115-116.

Esse fragmento apresenta-se como um texto:

- A** descritivo, uma vez que Caminha ocupa-se em dar um retrato objetivo da terra descoberta, abordando suas características físicas e potencialidades de exploração.
- B** narrativo, pois a Carta é, basicamente, uma narração da viagem de Pedro Álvares Cabral e sua frota até o Brasil, relatando, numa sucessão de eventos, tudo o que ocorreu desde a chegada dos portugueses até sua partida.
- C** argumentativo, pois Caminha está preocupado em apresentar elementos que justifiquem a exploração da terra descoberta, os quais se pautam pela confiabilidade e abrangência de suas observações.
- D** lírico, uma vez que a apresentação hiperbólica da terra por Caminha mostra a subjetividade de seu relato, carregado de emotividade, o que confere à Carta seu caráter especificamente literário.
- E** narrativo-argumentativo, pois a apresentação sequencial dos elementos físicos da terra descoberta serve para dar suporte à ideia defendida por Caminha de exploração do novo território.

**9. UFPel** Pero Vaz de Caminha, referindo-se aos indígenas escreveu:

*E naquilo sempre mais me venço que são como aves ou animais montesinhos, aos quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que aos mansos, porque os seus corpos são tão limpos, tão gordos e formosos, a não mais poder. [...]*

*Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e eles a nossa, não*

*duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele nos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto, Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazera Deus que com pouco trabalho seja assim. [...]*

*Eles não lavram nem criam. Não há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao convívio com o homem. E não comem senão deste inhamé, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.*

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

De acordo com o texto e seus conhecimentos, marque a alternativa correta.

- A** Caminha, numa visão eurocentrista, exalta a cultura do “descobridor”, menosprezando todos os aspectos referentes ao modo de vida dos nativos, por exemplo, a não exploração daqueles mamíferos placentários exóticos, citados na carta, introduzidos no Brasil quando da colonização.
- B** Caminha realiza, através de farta adjetivação, descrições botânicas minuciosas acerca da flora da nova terra, destacando o tipo de alimentação do europeu – rica em vitaminas e sais minerais – em contraposição à indígena, que é rica em lipídios.
- C** A religiosidade está presente ao longo do texto, quando se constata que o emissor, tendo em mente a conversão dos índios à “santa fé católica” – pretensão dos europeus conquistadores –, ressalta positivamente a existência de crenças animistas entre os nativos.

- D** Na carta de Pero Vaz de Caminha, que apresenta linguagem formal, por ser o rei português o destinatário, há forte preocupação com aspectos da necessária conversão dos índios ao catolicismo, no contexto de crise religiosa na Europa.
- E** Ao realizar concomitantemente a narração e a descrição dos hábitos dos nativos, o remetente destaca informações não só do habitat como dos usos e costumes indígenas, exaltando o cultivo das plantas de lavouras e dos pomares.

## 10. Enem



ECKHOUT, A. "Índio Tapuia" (1810-1866). Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

*A feição deles é serem pardos, maneira d' avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.*

CAMINHA P.V. A carta.  
Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>.  
Acesso em: 12 ago. 2009.

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que:

- A** ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.
- B** o artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.

- C** a pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.
- D** o texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.
- E** há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

**11. UEM** Sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha, considere o trecho abaixo.

*De ponta a ponta é toda praia rasa, muito plana e bem formosa. Pelo sertão, pareceu-nos do mar muito grande, porque a estender a vista não podíamos ver senão terra e arvoredos, parecendonos terra muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro; nem as vimos. Mas, a terra em si é muito boa de ares, tão frios e temperados, como os de Entre-Douro-e-Minho<sup>1</sup>, porque, neste tempo de agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas e infindas<sup>2</sup>. De tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.*

(VOGT, Carlos e LEMOS, José. Cronistas e Viajantes. Literatura Comentada. São Paulo: Abril, 1982, p.12-23).

<sup>1</sup> Entre-Douro-e-Minho: região norte de Portugal.

<sup>2</sup> Infindas: infinitas, sem fim.

Identifique a(s) alternativa(s) correta(s), de acordo com a leitura do texto.

- 01** A Carta de Pero Vaz de Caminha não é o primeiro documento acerca da terra brasileira: há outros documentos de autoria de viajantes estrangeiros que já revelavam a sua beleza.
- 02** Sobre a nova terra, os portugueses desejavam saber se havia ou não metais preciosos, como ouro, prata e ferro.
- 04** Pero Vaz de Caminha, ao descrever a nova terra: "De tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem", propõe ao rei de Portugal que a terra seja cultivada.

- 08 Na frase, “mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente”, o autor sugere que os primitivos habitantes sejam catequizados.
- 16 O trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha afirma categoricamente que, por trás do ideal da catequização e da propagação da fé católica, a verdadeira intenção dos portugueses era, realmente, apreciar as belezas da nova terra.

Soma:

**12. Udesc** A famosa “Carta de achamento do Brasil”, mais conhecida como “A carta de Pero Vaz de Caminha”, foi o primeiro manuscrito que teve como

objeto a terra recém-descoberta. Nela encontramos o primeiro registro de nosso país, feito pelo escrivão do rei de Portugal, Pero Vaz de Caminha. Podemos inferir, então, a seguinte intenção dos portugueses:

- A) objetivavam o resgate de valores e conceitos sociais brasileiros.
- B) buscavam descobrir, através da arte, a história da terra recém-descoberta.
- C) estavam empenhados em conhecer um pouco mais sobre a arte brasileira.
- D) firmar um pacto de cordialidade com os nativos da terra descoberta.
- E) explorar a tão promissora nova terra.

# GABARITO

1. A

Alternativa A: correta. O trecho demonstra o papel da catequese como instrumento de conversão dos povos nativos, principalmente ao considerarmos a frase “Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente”.

Alternativa B: incorreta. O trecho não descreve a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa, na verdade, a descrição é da beleza local e não propriamente da cultura.

Alternativa C: incorreta. O trecho não relaciona em nenhum momento a transmissão aos indígenas do potencial econômico do território recém-descoberto.

Alternativa D: incorreta. O trecho não demonstra um contraste entre uma suposta superioridade europeia e a pobreza dos indígenas.

Alternativa E: incorreta. O trecho não tem como objetivo criticar o modo de vida dos povos nativos para evidenciar a ausência de trabalho nessas sociedades.

2. C

Alternativa A: incorreta. A Carta de Pero Vaz de Caminha não tem como preocupação a estética literária, e sim uma descrição minuciosa para o rei D. Manuel sobre a terra recém-descoberta.

Alternativa B: incorreta. A tela de Portinari não tem como objetivo a contestação de uma linguagem moderna, trata-se, na verdade, de uma pintura moderna.

Alternativa C: correta. A Carta de Caminha é um testemunho histórico-político, porque mostra o olhar do colonizador sobre os nativos e à natureza local. Ademais, a pintura destaca a inquietação dos nativos quanto à chegada dos portugueses.

Alternativa D: incorreta. A Carta de Caminha cumpre a função de descrever o território brasileiro recém-encontrado e a pintura apresenta mais uma função artística e estética, inserida em um contexto moderno.

Alternativa E: incorreta. A pintura de Portinari e a Carta de Caminha apresentam pontos de vista sobre o mesmo grupo étnico – os indígenas – e foram produzidas em momentos históricos completamente diferentes.

3. D

Alternativa A: incorreta. A pergunta da questão está relacionada aos valores renascentistas, assim, embora os portugueses, em um segundo momento – através de outros documentos históricos relatem a antropofagia dos índios com certo horror – possuem temor e ojeriza em relação aos rituais indígenas, isso não é tratado na Carta de Caminha e tampouco é relativo à visão renascentista.

Alternativa B: incorreta. O renascimento não se relaciona à formação de uma civilização católica, pelo contrário, o renascimento tem como base o antropocentrismo, isto é, o homem como centro do mundo e não a religião, assim, a capacidade ou não de formar uma sociedade católica não se relaciona ao renascimento, visto que sua fundamentação não é teocêntrica.

Alternativa C: incorreta. A Carta de Caminha apresenta o contrário, ou seja, as terras brasileiras, devido à alta temperatura, parecem, aos olhos europeus, um local com terras muito férteis, além disso, isso não se relaciona à visão renascentista.

Alternativa D: correta. A Carta de Caminha denota a observação da natureza a partir das experiências do homem renascentista, isto é, o foco é mais antropocêntrico, assim, o renascimento está presente, já que foi um momento em que os estudos, a observação e a investigação científica em relação ao homem e ao ambiente que o envolve são centrais nesse contexto.

Alternativa E: incorreta. A consideração da natureza e do homem como inferiores a Deus é uma visão teocêntrica, e não antropocêntrica, característica do renascimento e, dessa forma, a letra E não se relaciona com esses valores.

4. B

Afirmativa I: correta. Pero Vaz de Caminha valoriza o cristianismo, principalmente ao abordar a questão da importância da conversão dos nativos à religião oficial dos portugueses, a fim de facilitar o processo de colonização.

Afirmativa II: incorreta. O fato de Pero Vaz de Caminha registrar pormenores, ou seja, ser muito descritivo não se relaciona a um estilo literário, e sim a importância da Carta como testemunho histórico para o rei D. Manuel.

Afirmativa III: correta. Caminha descreve a possibilidade de haver metais preciosos na terra recém-descoberta como ouro e prata e isso se relaciona ao Metalismo, isto é, a busca dos reis europeus por ouro e prata em territórios americanos e africanos e, portanto, essa descrição de Caminha procura despertar o interesse do rei português.

Afirmativa IV: correta. Segundo Caminha, os indígenas estranharam a presença de carneiros e galinhas, o que demonstra que são animais que não existiam no Brasil.

Afirmativa V: incorreta. Caminha não era escrivão oficial da frota de Cabral, cargo ocupado por Gonçalo Gil Barbosa, de acordo com Eduardo Bueno (2019). Além disso, não se pode afirmar que Caminha foi fiel à realidade, embora ele tenha escrito uma carta com muita descrição.

Assim, as afirmativas corretas são I, III e IV e, portanto, a letra B.

5. E

Alternativa A: incorreta. Caminha conclui a Carta demonstrando que o Brasil é muito rico e pode ser explorado, assim, não seria um território, segundo a concepção do autor, de entreposto (parada de viagem), mas um local de colonização.

Alternativa B: incorreta. A Carta de Caminha não foi encomendada por José de Anchieta, o qual, inclusive, escreverá textos de informações muitos anos depois.

Alternativa C: incorreta. A Carta não dá ênfase à navegação de Calicute, e sim ao território brasileiro recém-encontrado.

Alternativa D: incorreta. Caminha pede perdão por se alongar demais na Carta, visto que ele descreveu com tanta minúcia que a tornou longa, e não por ter mentido em algum momento.

Alternativa E: correta. Ao longo de toda a obra e, sobretudo, nesse trecho, Caminha destaca a fé católica ao citar a conversão dos gentios como meio de salvação desse povo.

6. D

Afirmativa I: incorreta. O Capitão estava sentado em uma cadeira e não em uma alcatifa, como os demais.

Afirmativa II: correta. De acordo com o trecho “Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém”, os portugueses esperavam um sinal de cortesia por parte dos nativos, convenção social que fazia parte da cultura dos portugueses e não dos indígenas.

Afirmativa III: correta. A atitude dos indígenas de apontar para o colar metálico do Capitão e para a terra foi interpretada pelos portugueses como um indício de presença de metais preciosos e esse gesto foi de certa maneira ingênuo, visto que os indígenas desconheciam as intenções dos europeus e o valor comercial desses metais. Assim, as afirmativas corretas são II e III, e, portanto, a letra D.

7. C

Alternativa A: correta. A Carta de Caminha é uma obra pertencente à literatura de viagem.

Alternativa B: correta. A obra de Caminha aborda o seu próprio contexto de produção, isto é, a viagem.

Alternativa C: incorreta. Alternativa que deve ser assinalada. A Carta não usa registro coloquial, na verdade, ela é formal o tempo todo porque é endereçada ao rei de Portugal.

Alternativa D: correta. A *Carta de achamento* é composta por narração, descrição e dissertação.

8. A

Alternativa A: correta. A *Carta de achamento* é descritiva, visto que tem como objetivo produzir um retrato descritivo da terra recém-descoberta, demonstrando suas características físicas e seu potencial exploratório.

Alternativa B: incorreta. A Carta de Caminha não é narrativa; embora presente em alguns momentos tal característica, essa sequência não é predominante.

Alternativa C: incorreta. A Carta de Pero Vaz de Caminha não é argumentativa, é apenas descritiva.

Alternativa D: incorreta. A obra não cumpre objetivos literários e, portanto, não apresenta subjetividade e figuras de linguagem como hipérbole, conforme apresentado pela alternativa.

Alternativa E: incorreta. A obra não é narrativa-argumentativa, é apenas uma descrição minuciosa das terras brasileiras para o rei D. Manuel.

9. D

Alternativa A: incorreta. Embora apresente uma visão europeia do território brasileiro, Caminha não menospreza os aspectos referentes à vida dos nativos e à natureza do local, pelo contrário, visto que ele ressalta a riqueza do lugar, seja quanto à possibilidade de haver metais preciosos, seja pela possível fertilidade do solo.

Alternativa B: incorreta. Embora o autor faça uma minuciosa descrição da alimentação dos indígenas, ele descreve as comidas dos indígenas como ricas em minerais e vitaminas e as dos portugueses como ricas em lipídios, e não o contrário, como proposto pela alternativa.

Alternativa C: incorreta. O autor não ressalta positivamente a existência de crenças animistas pelos nativos, pelo contrário, Caminha ressalta a importância da conversão dos indígenas.

Alternativa D: correta. Caminha apresenta linguagem formal ao longo da Carta, devido ao seu destinatário ser o rei de Portugal e demonstra preocupação com a conversão dos indígenas, considerando a crise do catolicismo na Europa.

Alternativa E: incorreta. Embora Caminha ressalte costumes indígenas, ele não menciona a presença de lavouras, as quais fazem parte da cultura dos portugueses e não dos indígenas.

10. C

Alternativa A: incorreta. Tanto o texto quanto a pintura não apresentam tristeza ou melancolia quanto à imagem indígena, além disso, embora a pintura se encontre em um contexto romântico, a Carta de Caminha não pertence a esse período, portanto, a descrição apresenta apenas uma conotação antropológica.

Alternativa B: incorreta. Tanto o texto quanto a pintura retratam de forma realista o indígena.

Alternativa C: correta. O texto e a pintura buscam representar de forma realista o habitante nativo que sofreu o processo de colonização.

Alternativa D: incorreta. A pintura não se baseia no contraste da cultura europeia com a indígena. Além

disso, embora Caminha, em seu texto, às vezes faça comparações entre os costumes europeus e os costumes indígenas, não se pode afirmar que ele tenha como base apenas os contrastes entre os portugueses e os indígenas. Alternativa E: incorreta. A pintura não trata o indígena de maneira religiosa, pelo contrário, o nativo é apresentado de forma natural.

**11.** Soma:  $02 + 04 + 08 = 14$

Alternativa 01: incorreta. A Carta de Pero Vaz de Caminha foi o primeiro documento que apresenta de forma descritiva a terra brasileira.

Alternativa 02: correta. Os portugueses, conforme descrito por Caminha, desejavam saber se na terra recém-encontrada havia ouro e prata.

Alternativa 04: correta. Caminha, ao longo da Carta e principalmente ao final, sugere ao rei D. Manuel utilizar a terra para cultivo, visto que ela é muito fértil.

Alternativa 08: correta. No trecho “mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente”, Caminha relata ao rei de Portugal a importância do papel

da catequese como meio facilitador para a colonização.

Alternativa 16: incorreta. Nem no trecho e nem ao longo da Carta, Caminha afirma que o verdadeiro desejo dos portugueses era apreciar a terra, pelo contrário, o autor demonstra o ideal de colonização da nova terra através da catequização.

**12.** E

Alternativa A: incorreta. Os portugueses, ao chegar ao Brasil pela primeira vez, não tinham como objetivo o resgate de valores e conceitos sociais brasileiros, na verdade, eles queriam colonizar o país.

Alternativa B: incorreta. Os portugueses não almejavam descobrir através da arte a história do Brasil.

Alternativa C: incorreta. Os portugueses não se interessavam em conhecer a arte brasileira.

Alternativa D: incorreta. Os europeus recém-chegados não queriam firmar um pacto de cordialidade com os indígenas, queriam, na verdade, colonizá-los.

Alternativa E: correta. O objetivo principal dos portugueses era explorar o Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Departamento Nacional do livro. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

FARACO & MOURA. *Língua e Literatura*. v. 3. São Paulo: Ática, 1995.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FERREIRA, M. *Português: literatura, redação, gramática*. São Paulo: Atual, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss de língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SCHWARTZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.













# AOL

## Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

[sistemapoliedro.com.br](http://sistemapoliedro.com.br)

São José dos Campos-SP  
Telefone: 12 3924-1616  
[editora@sistemapoliedro.com.br](mailto:editora@sistemapoliedro.com.br)

